

Pesquisa de ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA do consumidor

Teresina - 2025

GOVERNADOR

Rafael Tajra Fonteles

SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO

Washington Luís de Sousa Bonfim

SUPERINTENDENTE DO CIET

Cíntia Bartz Machado

DIRETOR DE ESTUDOS ECONÔMICOS E ESTATÍSTICA

Diarlison Costa

GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E DEMOGRAFIA (GEED)

Pablo Jullyan Rodrigues Vilanova

EQUIPE DE ELEBORAÇÃO TECNICA

Christianno Araújo Filho (estagiário)

Geysivan Campos Sampaio (estatístico)

Gyrlene Leite de Araujo (estagiária)

Larissa Dantas de Sousa (estagiária)

Marcos Matheus Pereira Barbosa (cientista social)

Pablo Jullyan Rodrigues Vilanova

Weslley da Silva Sousa (estagiário)

REVISÃO

Luciana Maura Sales de Sousa

Teresa Cristina Moura Araújo Nunes

NORMALIZAÇÃO

Adriana Melo Lima

DIAGRAMAÇÃO

Marcos Matheus Pereira Barbosa

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecária Adriana Melo Lima CRB-13/842

Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor Teresina-2025 [recurso eletrônico] / CIET/SEPLAN – Teresina: CIET/SEPLAN, 2025.

30 p. (Relatório)

1. Endividamento. 2. Inadimplência. 3. Consumo.
4. Educação financeira. 5. Políticas públicas – Teresina. I. Título

CDU 336.763.35:64.031.3(812.2)

Contato**CENTRO DE INTELIGÊNCIA EM ECONOMIA E ESTRATÉGIA TERRITORIAL
(CIET) BIBLIOTECA PÁDUA RAMOS**

Av. Miguel Rosa, 3190/Centro Sul - CEP 64001-490 - Teresina-PI

Telefone: 0xx86 3221-4809, 3215-4252 - Ramal: 21/22

Email: assessoria.Cepro@seplan.pi.gov.br – Sítio:

<https://www.seplan.pi.gov.br/cepro/publicacoes/>



DIRETORIA DE
ESTUDOS ECONÔMICOS
E ESTATÍSTICA

SECRETARIA
DO PLANEJAMENTO
SEPLAN



RESUMO

A pesquisa sobre endividamento e inadimplência em Teresina teve como objetivo investigar o nível de endividamento da população da capital piauiense, as principais causas, características e consequências, com base na percepção direta dos moradores. O estudo adotou uma abordagem quantitativa e descritiva, por meio da aplicação de um questionário estruturado a 480 entrevistados, selecionados por amostragem não probabilística e distribuídos entre as diferentes zonas urbanas da cidade. Os resultados revelam que 84,8% dos entrevistados se encontram em alguma situação de endividamento e que 49,88% dos endividados possuem contas em atraso. Quase metade da amostra (46,25%) compromete mais de 50% da renda familiar com o pagamento de dívidas, caracterizando um quadro de superendividamento. O cartão de crédito é o principal tipo de dívida (92,87%), seguido pelos financiamentos de bens duráveis e créditos pessoais. Entre as causas mais mencionadas estão o aumento do custo de vida (30,22%) e o uso excessivo do cartão de crédito (19,16%). As análises demonstram maior incidência de endividamento entre mulheres, indivíduos de renda média-baixa (de um a três salários mínimos) e pessoas de meia-idade e idosos. O grupo com ensino superior incompleto apresentou o maior índice de inadimplência. Apesar de 45,42% afirmarem que a renda familiar melhorou no último ano, prevalece um sentimento de cautela, com 45,63% percebendo maior dificuldade de acesso ao crédito e 59,8% considerando o momento desfavorável para compras de bens duráveis. Os achados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à educação financeira, ao consumo consciente e ao combate ao superendividamento, especialmente entre os segmentos mais vulneráveis da população. A pesquisa contribui, assim, para a formulação de estratégias de planejamento econômico local e para o fortalecimento da saúde financeira das famílias teresinenses.

Palavras-chave: endividamento, inadimplência, consumo, educação financeira, renda, políticas públicas, Teresina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 METODOLOGIA.....	6
4 SOBRE O QUESTIONÁRIO	7
5 RESULTADOS	8
5.1 Perfil do entrevistado	8
5.2 Endividamento e inadimplência	10
5.3 Tendência de consumo	17
5.4 Análises cruzadas.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O endividamento das famílias consolidou-se como um dos principais desafios socioeconômicos do cenário brasileiro contemporâneo. Em um contexto marcado por instabilidade econômica e fragilidade no mercado de trabalho, a gestão das finanças domésticas tornou-se uma questão central, impactando diretamente a qualidade de vida, o bem-estar psicológico e o poder de compra da população.

Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mostram que uma parcela significativa das famílias brasileiras mantinha algum tipo de dívida em 2024. O percentual de endividados, que era de 77,2% em setembro de 2024, atingiu 79,2% em setembro de 2025, evidenciando a persistência do problema em escala nacional.

Entretanto, o fenômeno do endividamento não se distribui de forma homogênea pelo país, havendo disparidades regionais quanto à intensidade e às características das dívidas. De acordo com Gonçalves (2022), nos estados da Região Nordeste observou-se uma relação direta entre o grau de formalidade do trabalho e os níveis de rendimento, quanto maior a informalidade menores os rendimentos médios. Essa dinâmica afeta a capacidade de pagamento e a vulnerabilidade financeira das famílias, tornando fundamental compreender o fenômeno em contextos específicos, como o da capital piauiense.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo investigar o nível de endividamento da população teresinense, suas principais causas e consequências, a partir da percepção direta dos moradores da cidade. Buscou-se compreender de que forma os teresinenses administraram suas finanças pessoais, o grau de comprometimento da renda com dívidas e as tendências de consumo familiar.

A análise proposta oferece subsídios para a formulação de políticas públicas, estratégias de educação financeira e ações de incentivo ao consumo consciente, contribuindo para um diagnóstico mais preciso das condições econômicas locais e para a promoção de maior equilíbrio financeiro das famílias em Teresina.

2 JUSTIFICATIVA

A relevância de estudar o endividamento em Teresina está na necessidade de compreender as dinâmicas locais que influenciam a saúde financeira da população. Embora os dados nacionais e regionais ofereçam um panorama geral sobre o fenômeno, as particularidades socioeconômicas da capital piauiense exigem uma análise específica, capaz de subsidiar ações mais eficazes e ajustadas à sua realidade.

Compreender as principais modalidades de dívida, como a alta incidência do cartão de crédito, o nível de comprometimento da renda familiar e a percepção dos teresinenses sobre sua capacidade de pagamento, é fundamental para o diagnóstico da situação financeira local. Essas informações são essenciais para orientar políticas públicas direcionadas, programas de educação financeira e o incentivo a práticas de consumo mais conscientes e sustentáveis.

Em um cenário de crédito restritivo e taxas de juros elevadas, torna-se ainda mais relevante monitorar o endividamento e a inadimplência, sobretudo entre as faixas de renda mais vulneráveis. O acompanhamento contínuo desses indicadores possibilita antecipar impactos sociais e econômicos e desenvolver medidas de prevenção ao superendividamento.

Ao produzir dados locais, atualizados e baseados na escuta direta dos moradores, esta pesquisa oferece subsídios valiosos para o planejamento de ações públicas e privadas voltadas à organização financeira das famílias teresinenses, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para o fortalecimento da sustentabilidade econômica da capital.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza quantitativa e descritiva, tendo como objetivo identificar e descrever as características relacionadas ao endividamento e à inadimplência percebidos pelos moradores da cidade de Teresina. Para isso, utilizou-se um questionário estruturado como principal instrumento de coleta de dados.

A amostra foi composta por 480 entrevistas válidas, obtidas por meio de amostragem não probabilística, o que implica que os resultados se aplicam especificamente ao grupo pesquisado, não sendo possível generalizá-los estatisticamente para toda a população da cidade.

As entrevistas presenciais foram realizadas em diferentes bairros de Teresina, abrangendo todas as zonas urbanas (Norte, Sul, Leste, Sudeste e Centro), com seleção aleatória dos respondentes em pontos de fluxo. Antes da aplicação do questionário, utilizou-se um filtro de elegibilidade para confirmar se o entrevistado residia e trabalhava na capital, garantindo a adequação ao universo da pesquisa.

O trabalho de campo foi conduzido por entrevistadores treinados, sob supervisão direta, e contou com verificação posterior de uma parte das entrevistas, assegurando a qualidade e a fidedignidade dos dados coletados.

Os dados obtidos foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados por meio de procedimentos estatísticos descritivos, contemplando o cálculo de frequências absolutas e relativas (percentuais), além de cruzamentos simples entre variáveis para identificação de padrões e relações.

Conforme Creswell (2021), o uso de instrumentos estruturados em pesquisas quantitativas permite mensurar objetivamente as percepções dos respondentes e realizar análises comparativas entre diferentes segmentos populacionais, contribuindo para a precisão e a confiabilidade dos resultados.

4 SOBRE O QUESTIONÁRIO

O questionário aplicado nesta pesquisa é composto por duas grandes seções, o Bloco de Endividamento e o Bloco de Tendências de Consumo, além de um conjunto inicial de informações sociodemográficas.

Na primeira parte, foram investigadas as percepções dos entrevistados sobre o nível de endividamento, os tipos de dívidas existentes (cartão de crédito, cheque especial, empréstimos, financiamentos, entre outros), a existência de contas em atraso, o tempo de atraso e a capacidade de pagamento no curto prazo. Buscou-se, também, identificar até quando os compromissos financeiros estão assumidos e qual o percentual da renda familiar comprometido com as dívidas.

Na segunda parte, o foco recaiu sobre o comportamento e as expectativas de consumo da população. Foram incluídas questões relacionadas à percepção sobre estabilidade no emprego, expectativas de renda e melhoria profissional, acesso ao crédito e hábitos de compra em comparação ao ano anterior. As perguntas como “Sua família está comprando

mais, menos ou igual ao ano passado?” e “Você acha que é um bom momento para comprar bens duráveis?” permitiram avaliar o sentimento do consumidor teresinense e suas perspectivas econômicas.

Por fim, o instrumento incluiu perguntas sobre faixa de renda familiar e, de forma opcional, nome e telefone do entrevistado, utilizados apenas para verificação interna, respeitando integralmente os princípios de sigilo e privacidade.

5 RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados da pesquisa sobre endividamento e inadimplência realizada com 480 moradores de Teresina. Os dados foram coletados por meio de entrevistas presenciais e analisados utilizando estatística descritiva. Os resultados estão organizados em subseções, iniciando com o perfil sociodemográfico dos entrevistados, seguido pelos blocos temáticos sobre endividamento e tendências de consumo, e concluindo com as análises cruzadas entre as principais variáveis do estudo.

5.1 Perfil do entrevistado

A caracterização do perfil dos participantes é fundamental para contextualizar os achados da pesquisa. A seguir, são detalhadas as distribuições da amostra quanto às variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária, cor/raça autodeclarada, nível de escolaridade e renda familiar. A Tabela 1 apresenta as frequências e os percentuais para cada categoria.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos entrevistados segundo sexo, idade, cor/raça, escolaridade e renda familiar

Variável	Categoria da resposta	Frequência	%
Sexo	Feminino	255	53,13%
	Masculino	225	46,88%
Idade	18 a 29 anos	130	27,08%
	30 a 39 anos	178	37,08%
	40 a 49 anos	58	12,08%
	50 a 59 anos	38	7,92%
	60 a 69 anos	45	9,38%
	70 +	31	6,46%
Cor/Raça	Amarelo	2	0,42%
	Branco	153	31,88%
	Pardo	270	56,25%
Escolaridade	Preto	55	11,46%
	Fundamental completo	97	20,21%
	Fundamental incompleto	8	1,67%
	Médio completo	89	18,54%
	Médio incompleto	29	6,04%
	Pós-graduação	79	16,46%
	Sem instrução	12	2,50%
	Superior completo	57	11,88%
	Superior incompleto	109	22,71%
	Até R\$ 1.518,00 (Até 1 SM)	22	4,58%
Faixa da renda familiar de todas as pessoas na residência em reais	De R\$ 1.518,01 a R\$ 3.036,00 (De 1 SM a 2 SM)	149	31,04%
	De R\$ 3.036,01 a R\$ 4.554,00 (De 2 SM a 3 SM)	157	32,71%
	De R\$ 4.554,01 a R\$ 7.590,00 (De 3 SM a 5 SM)	53	11,04%
	De R\$ 7.590,01 a R\$ 15.180,00 (De 5 SM a 10 SM)	50	10,42%
	Mais de R\$ 15.180,01 (Mais de 10 SM)	47	9,79%
	Não sabe/Não respondeu	2	0,42%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

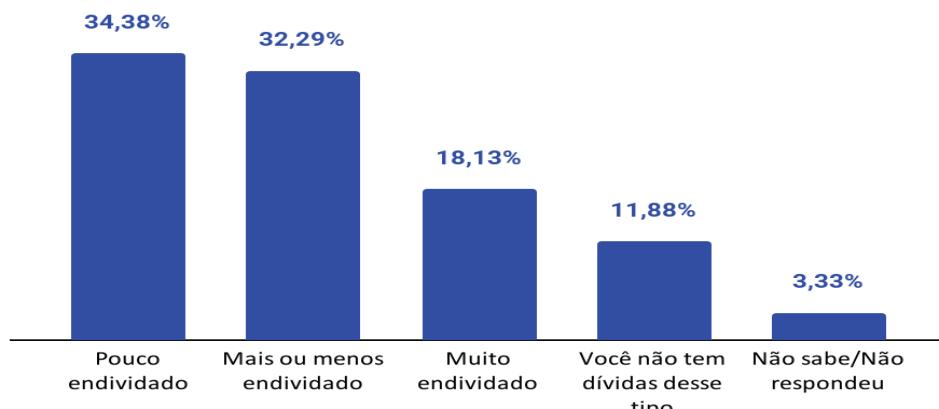
A amostra revelou que a maioria dos respondentes é do sexo feminino (53,13%). A faixa etária predominante foi de 30 a 39 anos (37,08%), seguida pela faixa de 18 a 29 anos

com 27,08%. Quanto à cor/raça, a maior parte dos entrevistados se autodeclarou parda (56,25%), enquanto 31,88% se declararam brancos e 11,46% pretos. Em relação à escolaridade, observou-se maior concentração nos níveis Superior incompleto (22,71%) e Fundamental completo (20,21%). Apenas 2,50% se declararam sem instrução formal. Por fim, a renda familiar se concentra nas faixas “De 2 a 3 salários mínimos” (32,71%) e “De 1 a 2 salários mínimos” (31,04%), indicando que 63,75% (quase dois terços) dos entrevistados possuem renda familiar entre R\$ 1.518,01 e R\$ 4.554,00.

5.2 Endividamento e inadimplência

Esta seção é sobre a situação financeira dos moradores de Teresina, focando especificamente nos níveis percebidos de endividamento e na ocorrência de inadimplência. Serão apresentados dados sobre a intensidade com que os entrevistados se consideram endividados, a presença de contas em atraso, a capacidade percebida de pagamento, os principais tipos de dívidas contraídas, os fatores que levaram a essa situação, o tempo de atraso e o comprometimento da renda familiar com essas obrigações financeiras.

Figura 1 – Distribuição dos entrevistados segundo o nível de endividamento percebido

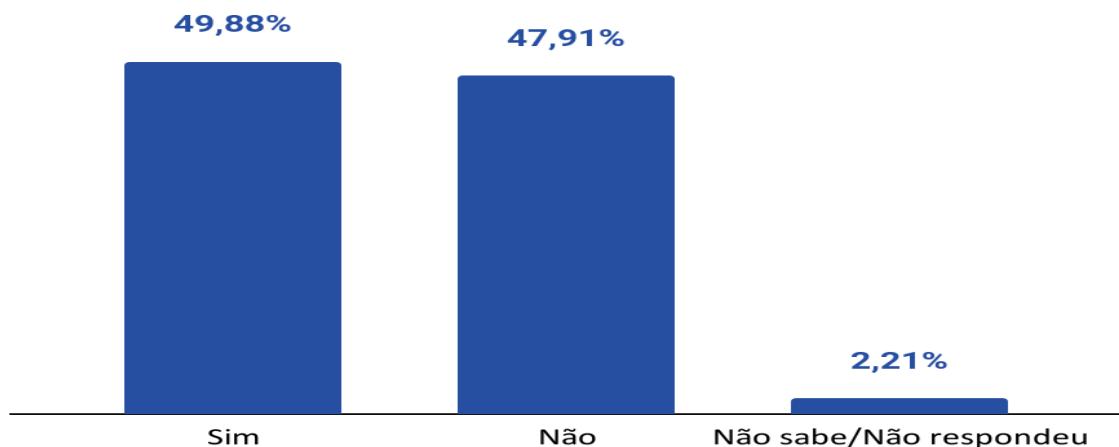


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A análise do nível de endividamento percebido revela que a maioria dos entrevistados se considera pouco endividada (34,38%), enquanto 32,29% afirmaram estar mais ou menos endividados. Um total de 18,13% declarou estar muito endividado, e 11,88% informaram não possuir dívidas desse tipo. Considerando os entrevistados que se declararam “Pouco”, “Mais ou menos” ou “Muito” endividados, é possível afirmar que 84,79% da amostra pesquisada se

encontra em alguma situação de endividamento. Apenas 3,33%, uma pequena parcela, não soube ou preferiu não responder à pergunta.

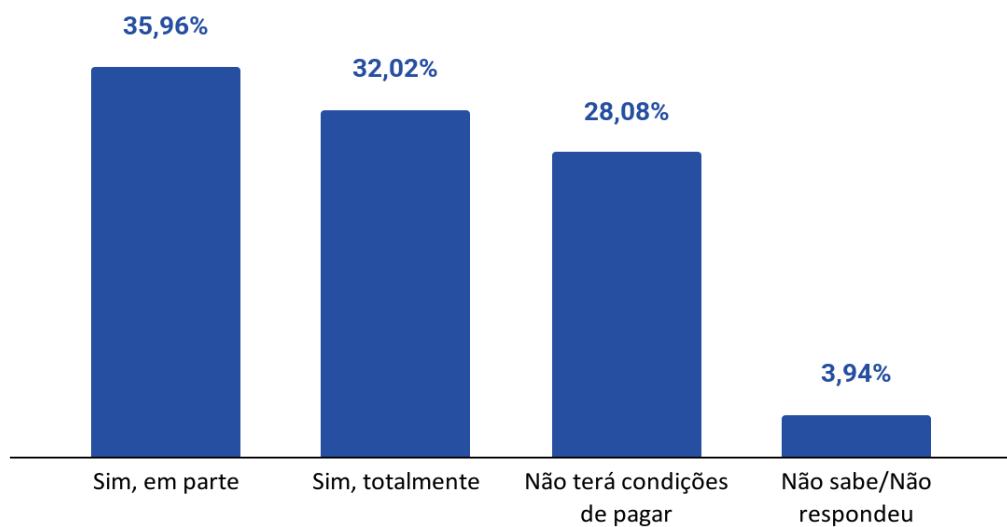
Figura 2 – Distribuição dos entrevistados segundo a inadimplência



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 2 avança na análise, focando no nível de inadimplência. Esta pergunta foi direcionada aos 407 entrevistados que se declararam endividados em algum grau (conforme Figura 1). Os dados mostram que este grupo está tecnicamente dividido: 49,88% afirmaram que "Sim", possuem contas em atraso, enquanto 47,91% declararam que "Não". As informações são relevantes, pois indicam que, dentro da amostra de endividados pesquisada, quase metade já se encontra em situação de inadimplência.

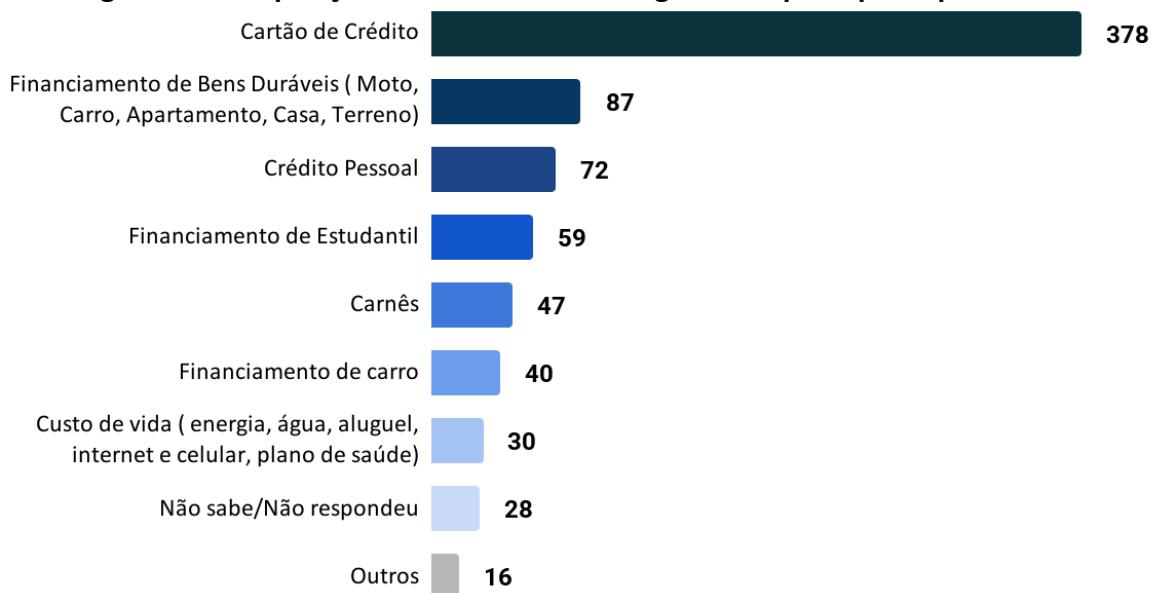
Figura 3 – Distribuição dos entrevistados segundo as condições de pagamento das contas em atraso (curto prazo)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 3 detalha a perspectiva de curto prazo dos 203 (49,88%) entrevistados que se declararam inadimplentes, conforme a Figura 2. Ao serem questionados sobre a capacidade de quitar essas dívidas atrasadas, a maioria (67,98%) demonstrou intenção de pagamento, somando os que acreditam que pagarão "Sim, em parte" (35,96%) e os que pagarão "Sim, totalmente" (32,02%). Contudo, 28,08% dos inadimplentes afirmou que "Não terá condições de pagar" suas contas no próximo mês e apenas 3,94% não souberam ou preferiram não responder.

Figura 4 – Composição dos entrevistados segundo os principais tipos de dívidas

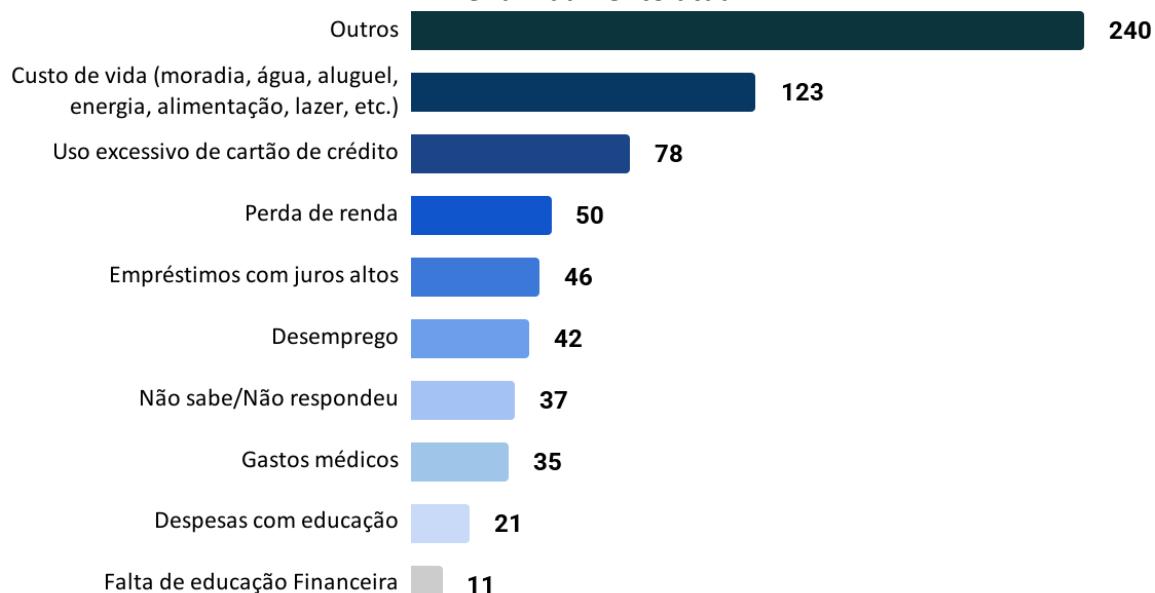


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 4 detalha as fontes do endividamento, sendo uma pergunta de múltiplas respostas aplicada aos 407 entrevistados que se declararam endividados. O "Cartão de Crédito" destaca-se como o tipo de dívida mais predominante, sendo citado por uma vasta maioria de 378 participantes (92,87% deste grupo). Em um segundo patamar, bem abaixo do primeiro, aparecem os "Financiamentos de Bens Duráveis (moto, carro, apartamento, casa, terreno)", mencionados por 87 pessoas (21,38%), seguidos de perto pelo "Crédito Pessoal" com 72 citações (17,69%).

Na sequência, surgem o "Financiamento de Estudantil" (59 pessoas, 14,50%), "Carnês" (47 pessoas, 11,55%), "Financiamento de carro" (40 pessoas, 9,83%) e "Custo de vida (energia, água, aluguel etc.)" (30 pessoas, 7,37%). Por fim, 28 pessoas (6,88%) não souberam responder e 16 pessoas (3,93%) citaram "Outros".

Figura 5 – Composição dos entrevistados segundo os principais fatores que levaram ao endividamento atual



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

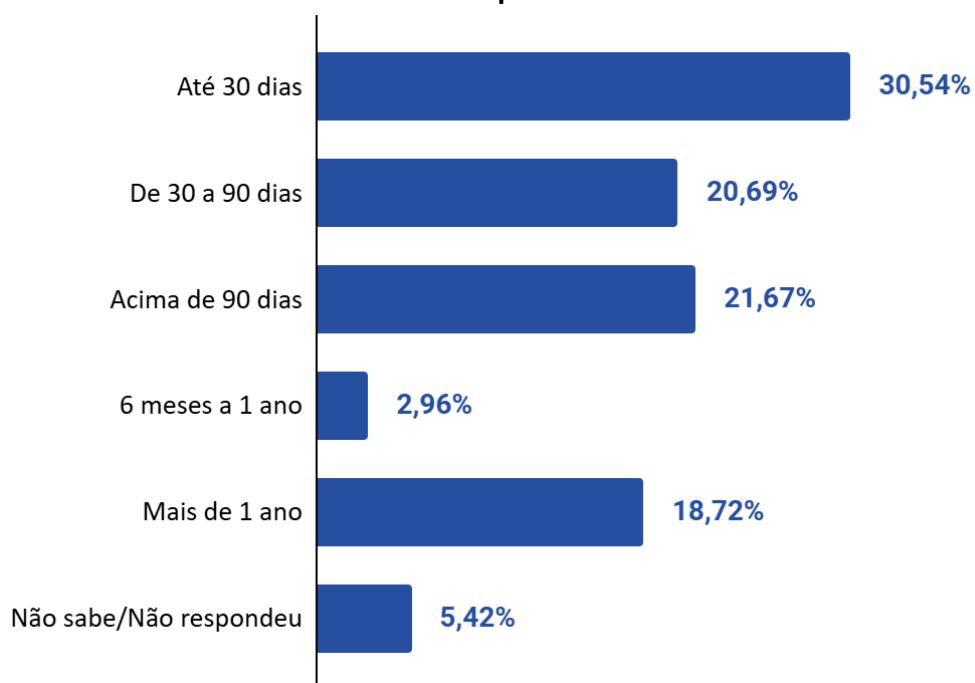
A Figura 5 analisa as causas percebidas do endividamento, com base nos 407 entrevistados que se declararam endividados. Por se tratar de uma pergunta de múltiplas respostas, os participantes puderam apontar diversos fatores. A categoria "Outros" foi a mais frequente (240 pessoas), indicando uma variedade de motivos não listados.

Dentre os principais fatores específicos identificados, o "Custo de vida (moradia, água, aluguel, energia, alimentação, lazer etc.)" desponta como o motivo mais citado, mencionado por 123 pessoas (30,22% deste grupo). Em um segundo patamar, o "Uso excessivo de cartão de crédito" foi apontado por 78 entrevistados (19,16%).

Na sequência, surgem fatores ligados à instabilidade da renda e ao custo do crédito, como "Perda de renda" (50 pessoas, 12,29%), "Empréstimos com juros altos" (46 pessoas, 11,30%) e "Desemprego" (42 pessoas, 10,32%).

Fatores como "Gastos médicos" (35 pessoas, 8,60%), "Despesas com educação" (21 pessoas, 5,16%) e "Falta de educação Financeira" (11 pessoas, 2,70%) foram mencionados por uma parcela menor de entrevistados. Os resultados sugerem que, para esta amostra, o "Custo de vida" e o "Uso excessivo de cartão de crédito" são os principais vetores percebidos para a situação de endividamento.

Figura 6 – Distribuição dos entrevistados segundo o tempo de permanência na inadimplência

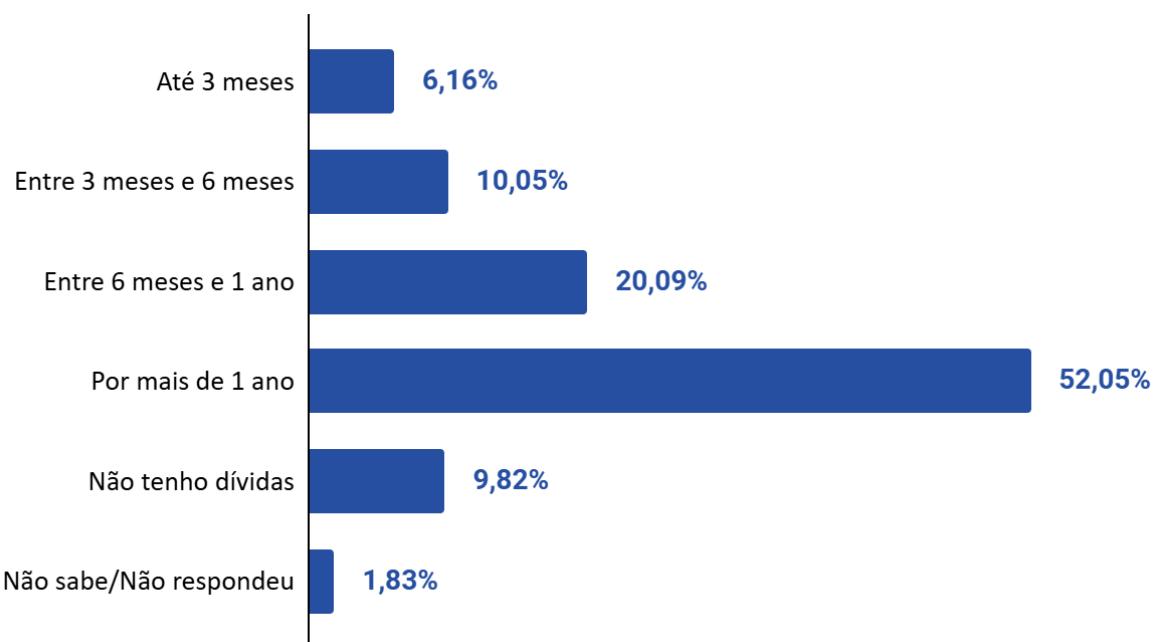


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 6 detalha o perfil temporal da inadimplência, baseando-se nos 203 entrevistados que afirmaram possuir contas em atraso, conforme Figura 2. A faixa mais frequente foi a de "Até 30 dias", relatada por 30,54% deste grupo, sugerindo uma inadimplência mais recente.

Em seguida, destacam-se as faixas "Acima de 90 dias" (21,67%) e "De 30 a 90 dias" (20,69%). No entanto, chama atenção a elevada proporção de entrevistados com atrasos prolongados, onde somadas, as categorias com dívidas em atraso por mais de 90 dias, "Acima de 90 dias", "6 meses a 1 ano" e "Mais de 1 ano", representam 43,35% dos inadimplentes da amostra. Dentro desse grupo, 18,72% afirmaram estar com contas atrasadas há mais de 1 ano, evidenciando uma situação de difícil resolução para uma parcela significativa dos entrevistados.

Figura 7 – Distribuição dos entrevistados segundo o horizonte de comprometimento da renda familiar

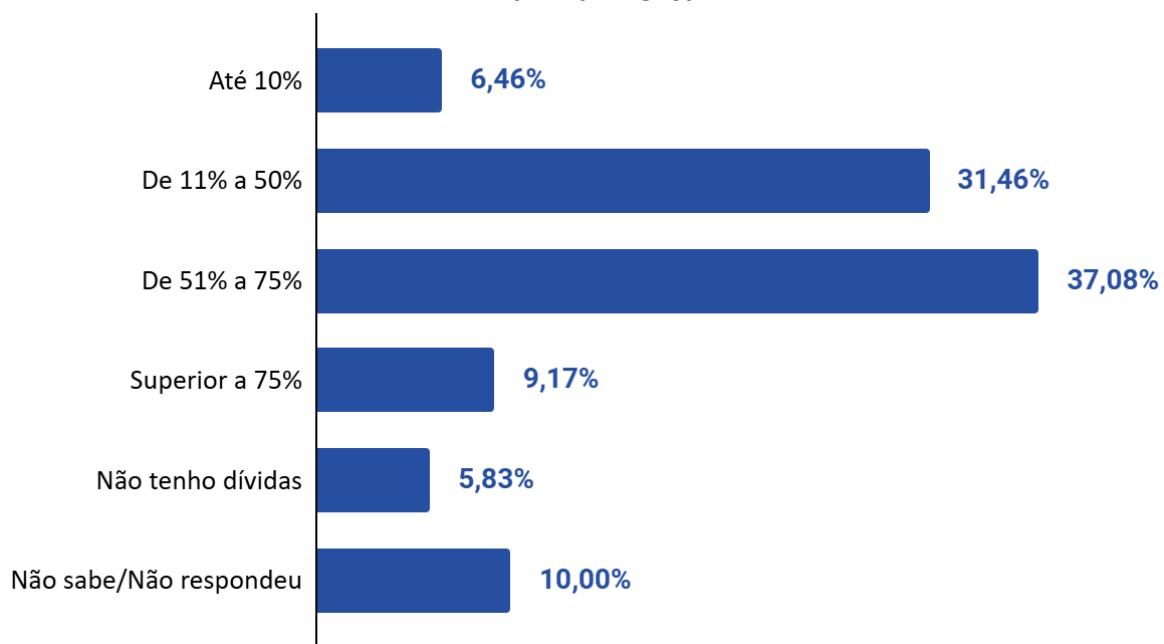


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 7 analisa o horizonte temporal das obrigações financeiras dos 407 entrevistados que se consideram endividados. O dado revela um cenário de endividamento a longo prazo. A grande maioria, 52,05% (mais da metade dos respondentes), afirmou ter compromissos com duração "Por mais de 1 ano". Somando-se à faixa "Entre 6 meses e 1 ano" (20,09%), nota-se que 72,14% dos endividados possuem dívidas que se estendem por mais de seis meses.

Apenas uma pequena parcela declarou ter dívidas de curto prazo, sendo 10,05% "Entre 3 meses e 6 meses" e 6,16% "Até 3 meses". Um dado relevante é que 9,82% dos que se consideram endividados afirmaram "Não tenho dívidas" nesta pergunta, o que pode indicar que a percepção de endividamento está ligada a dívidas sem prazo fixo de pagamento, como o saldo rotativo do cartão de crédito, e não a parcelamentos.

Figura 8 – Distribuição dos entrevistados segundo o grau de comprometimento da renda familiar mensal



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 8 detalha o nível de comprometimento da renda familiar mensal dos 407 entrevistados que se declararam endividados. Os dados revelam um cenário de alta pressão financeira sobre uma parcela significativa da amostra.

O dado mais expressivo é que a maior faixa, 37,08%, afirmou ter "De 51% a 75%" da sua renda comprometida com o pagamento de dívidas. Somando-se este grupo àqueles que comprometem "Superior a 75%" (9,17%), constata-se que 46,25% dos endividados (quase metade) destinam mais da metade de seus ganhos para cobrir obrigações financeiras.

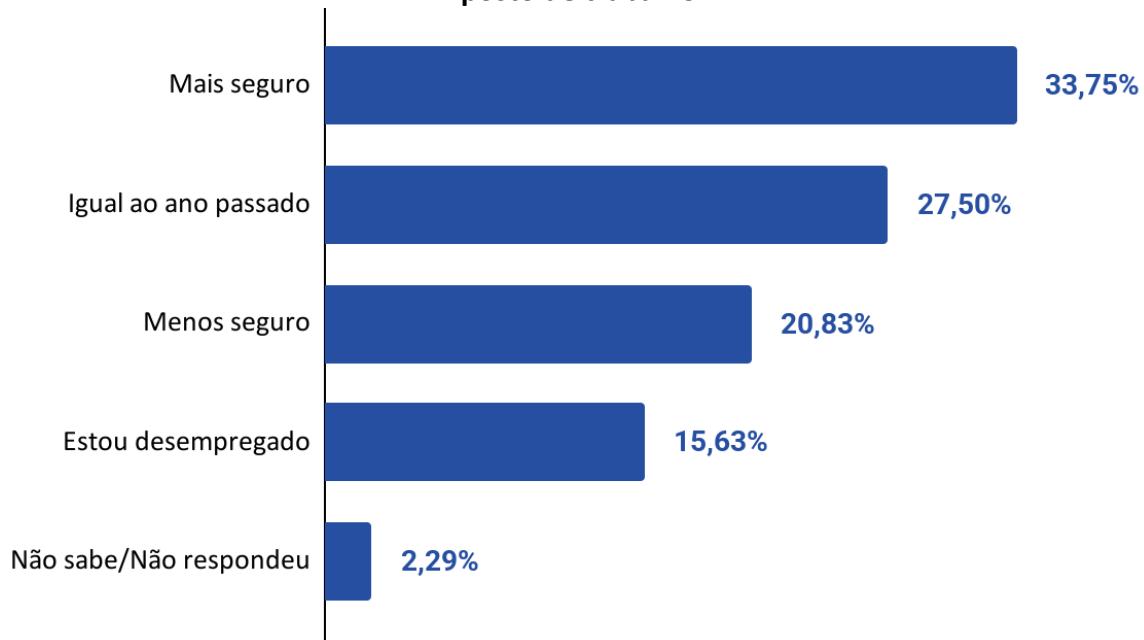
A segunda faixa mais frequente foi "De 11% a 50%", relatada por 31,46% dos participantes. Apenas uma pequena minoria, 6,46%, afirmou comprometer "Até 10%" da renda.

Um total de 10,00% não soube ou não respondeu à questão, e 5,83% indicaram "Não tenho dívidas" (o que pode sugerir dívidas sem parcelas fixas, como o rotativo do cartão). Este resultado expõe uma situação crítica para os endividados da amostra, em que quase metade já utiliza mais da metade de sua renda para o pagamento de dívidas.

5.3 Tendência de consumo

Complementando a análise da situação financeira atual dos entrevistados, esta seção explora suas percepções e expectativas em relação ao cenário econômico e ao consumo. Neste subtópico são apresentados dados sobre a sensação de segurança no emprego, a avaliação da renda familiar em comparação ao ano anterior, a percepção sobre a facilidade de acesso ao crédito, os hábitos de compra atuais, as expectativas futuras quanto ao consumo pessoal e geral, bem como a avaliação sobre o momento ideal para a aquisição de bens duráveis. Esses indicadores ajudam a compor um quadro sobre a confiança do consumidor teresinense.

Figura 9 – Distribuição dos entrevistados segundo a percepção de estabilidade no posto de trabalho

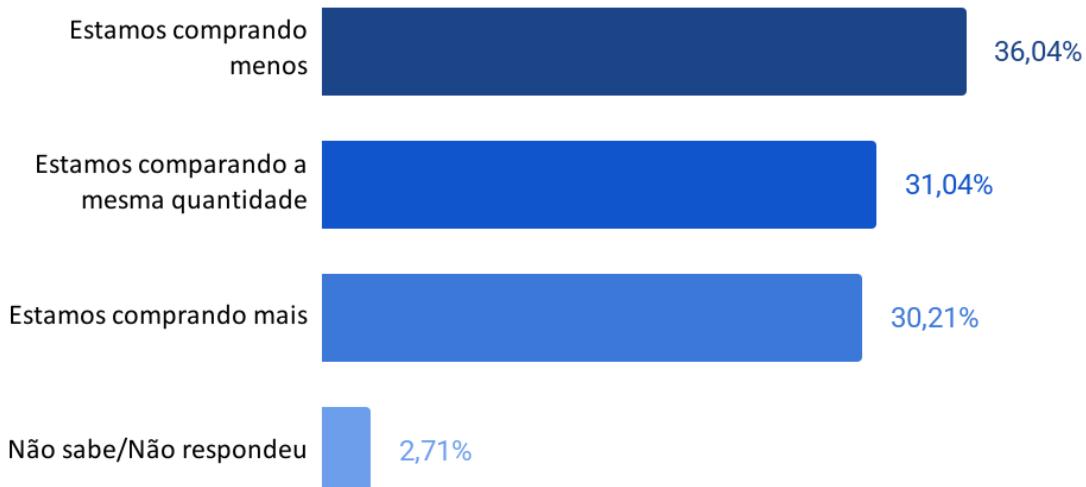


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Ao analisar a percepção dos entrevistados sobre sua segurança no emprego (Figura 9), comparando com o ano anterior, os resultados mostram um cenário dividido. A percepção predominante é de otimismo, com 33,75% dos entrevistados declarando-se "Mais seguros". O segundo maior grupo, com 27,50%, sente que sua situação está "Igual ao ano passado". Somados, esses dois grupos (61,25%) indicam que a maioria dos entrevistados se sente igual ou mais segura do que antes. Contudo, uma parcela significativa de 20,83% afirmou sentir-se

"Menos seguro". Além disso, um dado relevante é que 15,63% da amostra declarou "Estou desempregado", e 2,29% não souberam ou não responderam.

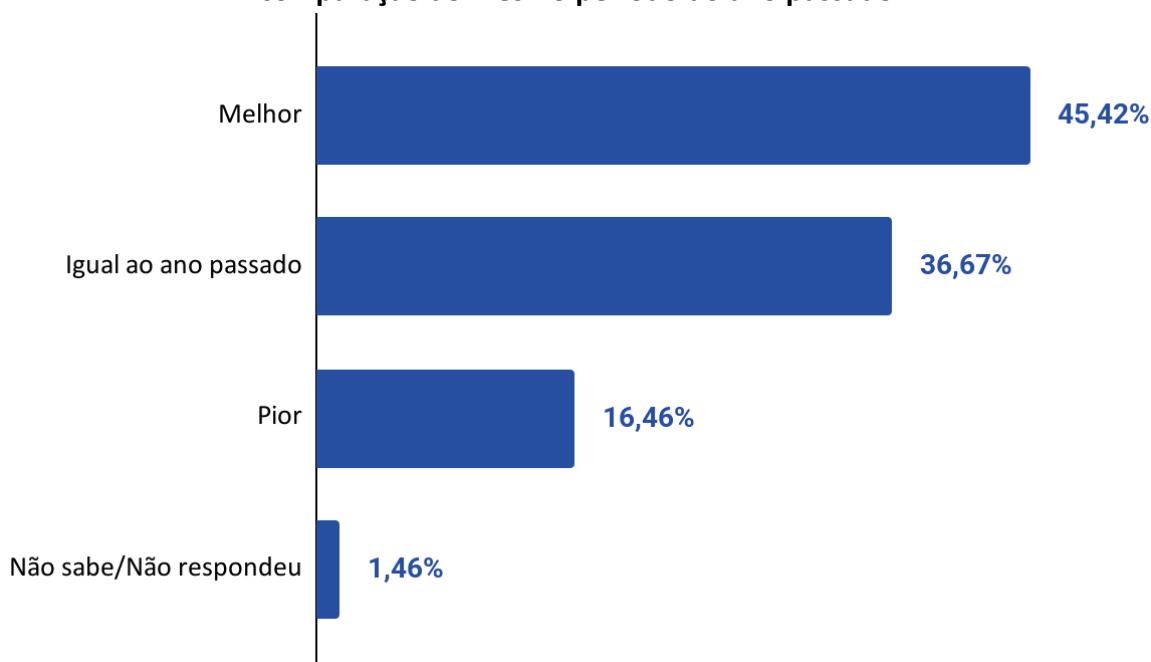
Figura 10 – Comparativo do nível de consumo familiar atual em relação ao ano anterior



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 10 investiga o hábito de compra atual da família em comparação com o ano anterior. Os resultados mostram um comportamento de consumo dividido, com uma leve tendência à retração. A resposta mais frequente foi "Estamos comprando menos", indicada por 36,04% dos entrevistados. As outras duas categorias principais apresentaram valores muito próximos entre si: "Estamos comprando a mesma quantidade" foi a escolha de 31,04%, enquanto "Estamos comprando mais" foi selecionada por 30,21%. E, apenas, 2,71% não souberam ou não responderam à questão.

Figura 11 – Distribuição dos entrevistados segundo a percepção da renda familiar em comparação ao mesmo período do ano passado

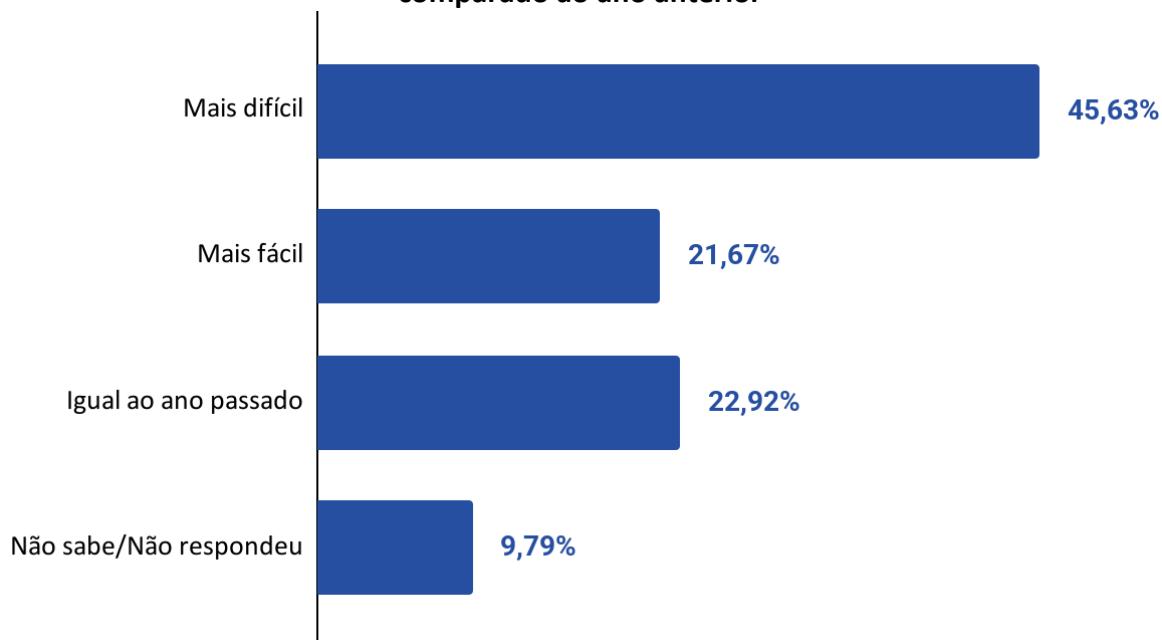


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 11 avalia se, na percepção dos entrevistados, a renda familiar melhorou ou piorou em comparação ao mesmo período do ano anterior. O resultado demonstra um otimismo predominante na amostra. A maioria dos participantes, 45,42%, declarou que sua renda familiar está "Melhor". Em seguida, 36,67% avaliaram sua renda como "Igual ao ano passado".

Dos entrevistados, apenas 16,46% indicaram que sua renda está "Pior" do que no ano anterior. Uma parcela de 1,46% não soube ou não respondeu. O balanço geral é positivo, com uma vasta maioria, mais de 82%, somando "Melhor" e "Igual ao ano passado", sentindo que a renda está igual ou melhor.

Figura 12 – Distribuição dos entrevistados segundo a percepção de acesso ao crédito comparado ao ano anterior

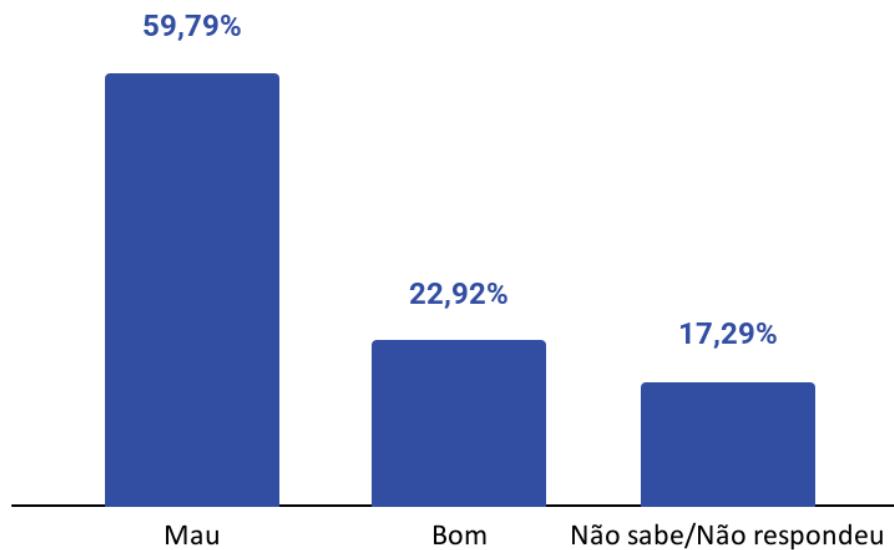


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 12 mede a percepção dos entrevistados sobre a facilidade de conseguir empréstimos ou comprar a prazo, em comparação com o ano anterior. Os resultados indicam uma forte percepção de restrição no crédito por parte da amostra. A resposta mais comum foi "Mais difícil", citada por 45,63% dos participantes. Esta percepção de dificuldade é mais que o dobro da percepção de facilidade, pois apenas 21,67% dos entrevistados consideram que o acesso ao crédito está "Mais fácil".

A percepção de que o cenário está inalterado soma 22,92% "Igual ao ano passado". Os 9,79% restantes não souberam ou não responderam à questão.

Figura 13 – Distribuição dos entrevistados segundo a percepção sobre o momento ideal para compra de bens duráveis



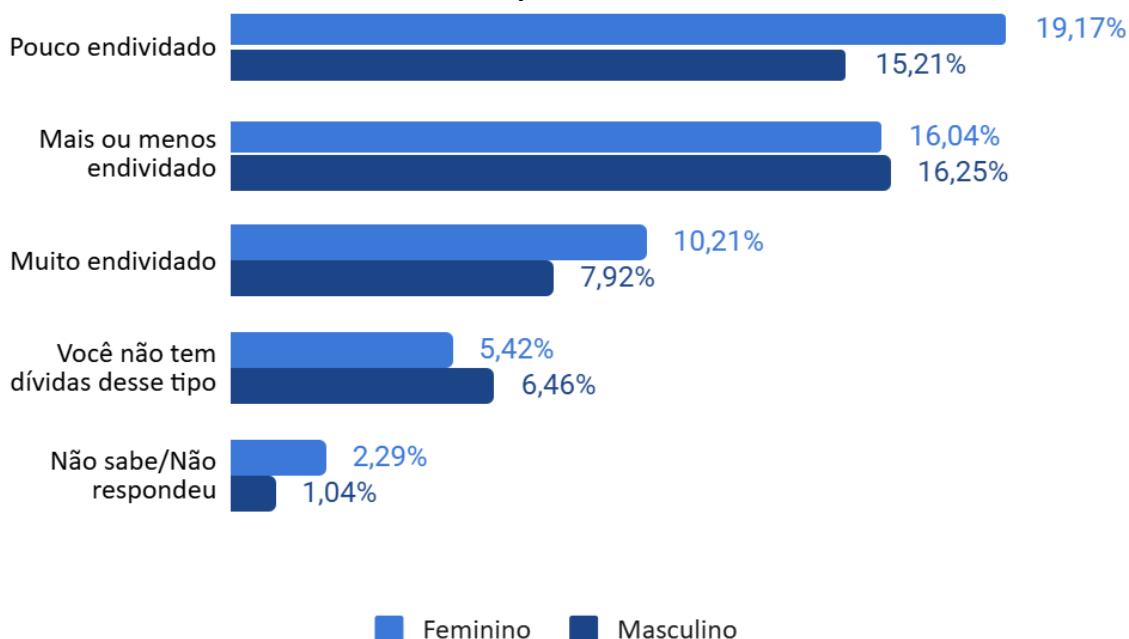
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 13 avalia a percepção dos entrevistados sobre se o momento atual é "Bom" ou "Mau" para a compra de bens duráveis (como eletrodomésticos, TVs, etc.). Os dados apresentam um forte pessimismo em relação ao consumo desses itens. A maioria dos respondentes, 59,79%, considera o momento como "Mau" para realizar essas compras. Em contrapartida, apenas 22,92% avaliam o momento como "Bom". Uma parcela de 17,29% não soube ou não respondeu à questão. Este resultado sugere cautela do consumidor teresinense em relação a gastos de maior valor.

5.4 Análises cruzadas

Esta seção se aprofunda na análise dos dados por meio de cruzamentos entre diferentes variáveis. O objetivo aqui é explorar como distintos perfis sociodemográficos, como sexo, idade, escolaridade e renda, se relacionam com as percepções, comportamentos e expectativas financeiras identificadas nos blocos anteriores. Essas análises buscam identificar padrões específicos, possíveis associações e diferenças significativas entre os grupos, oferecendo *insights* mais aprofundados sobre a dinâmica do endividamento e do consumo em Teresina.

Figura 14 – Distribuição dos entrevistados segundo o nível de endividamento percebido por sexo



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 14 detalha a percepção de endividamento por sexo. A análise geral mostra que, somando as três categorias de dívida ("Pouco", "Mais ou menos" e "Muito"), o público feminino apresentou uma percepção total de endividamento (45,42%), superior à do público masculino (39,38%).

Analizando as categorias específicas, a maior diferença proporcional ocorre na faixa "Pouco endividado", em que 19,17% das mulheres se enquadram, contra 15,21% dos homens. As mulheres também relataram sentir-se "Muito endividado" com mais frequência (10,21%) do que os homens (7,92%). Na categoria intermediária, "Mais ou menos endividado", a percepção entre os sexos é virtualmente idêntica (16,04% para mulheres e 16,25% para homens). Por outro lado, uma proporção maior de homens (6,46%) afirmou "Você não tem dívidas desse tipo" em comparação com as mulheres (5,42%).

Figura 15 – Distribuição percentual dos entrevistados endividados segundo a faixa etária

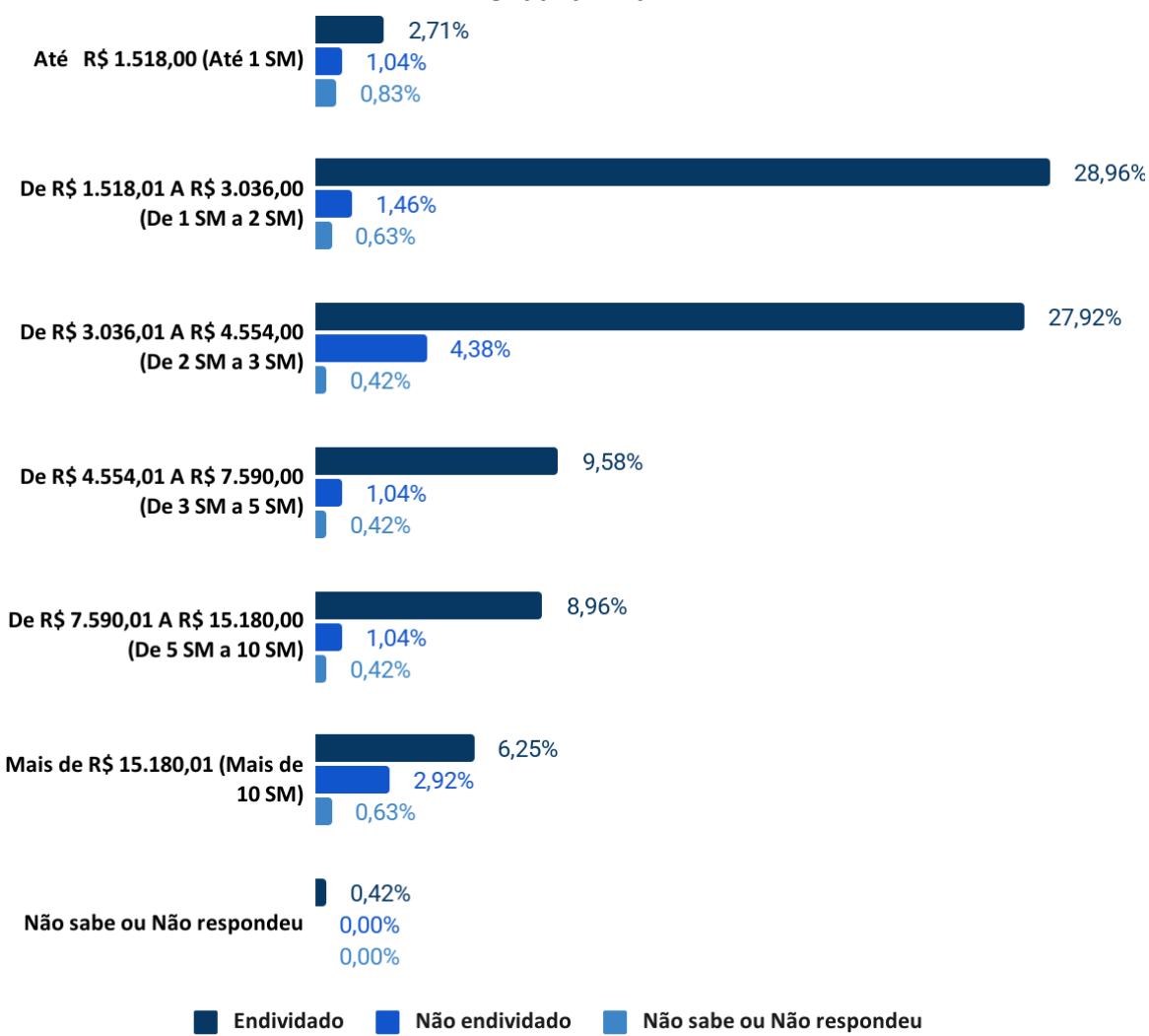


Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 15 apresenta o percentual de entrevistados que se declararam endividados dentro de cada faixa etária. Os dados revelam que o endividamento é prevalente em todas as idades, mas atinge seus níveis mais elevados nas faixas etárias mais avançadas.

As faixas de 40 a 49 anos (89,66%) e 60 a 69 anos (88,89%) apresentaram os maiores percentuais de endividamento, seguidas pelos grupos de 30 a 39 anos (87,64%) e 50 a 59 anos (84,21%). A faixa etária mais jovem, de 18 a 29 anos, embora ainda com um índice elevado, registrou o menor percentual de endividados (73,85%). Isso demonstra que a proporção de pessoas com dívidas na amostra é mais crítica entre os entrevistados de meia-idade e idosos.

Figura 16 – Distribuição dos entrevistados segundo o nível de endividamento por faixa de renda familiar



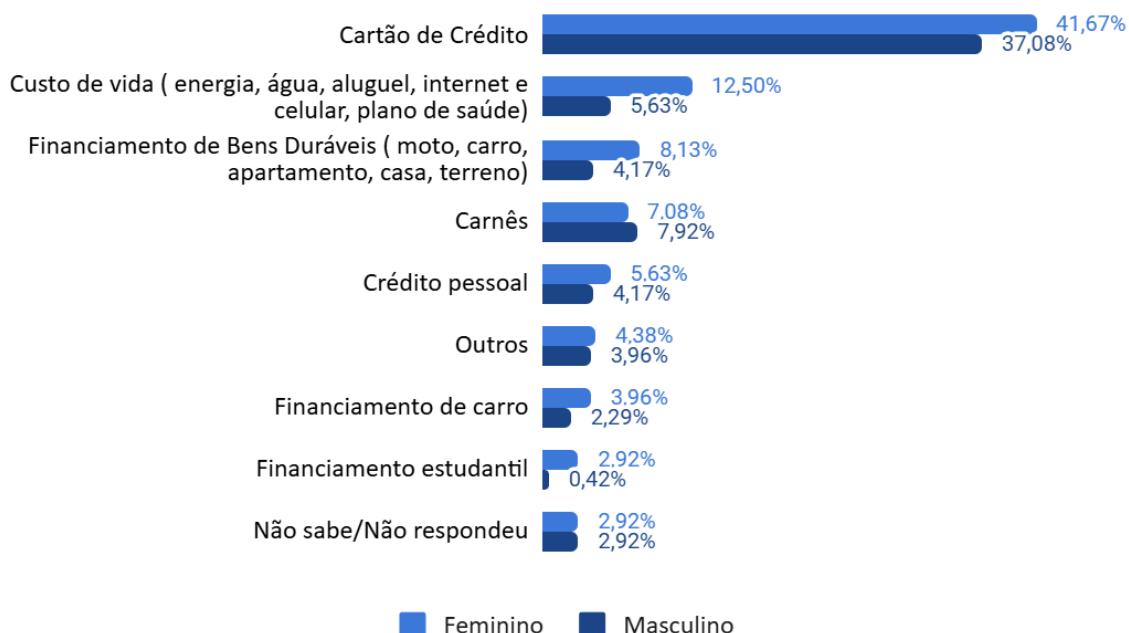
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 16 cruza a percepção de endividamento com a faixa de renda familiar mensal, mostrando a distribuição dos endividados, não endividados e os que não responderam dentro da amostra total. A análise indica que o endividamento está fortemente concentrado nas faixas de renda média-baixa. As duas faixas que reúnem a maior parte dos endividados são "De 1 SM a 2 SM" (28,96%) e "De 2 SM a 3 SM" (27,92%). Somados, esses dois grupos representam 56,88% de todos os endividados da amostra, indicando que a população com renda familiar entre R\$ 1.518,01 e R\$ 4.554,00 é a mais impactada.

A proporção de endividados diminui à medida que a renda aumenta: a faixa "De 3 SM a 5 SM" representa 9,58% dos endividados, "De 5 SM a 10 SM" representa 8,96%, e "Mais de 10 SM" representa 6,25%. Notavelmente, a faixa de renda mais baixa ("Até 1 SM")

corresponde a apenas 2,71% dos endividados, o que pode sugerir um menor acesso ao crédito por parte desse grupo.

Figura 17 – Distribuição dos principais tipos de dívidas segundo o sexo dos entrevistados



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 17 apresenta um detalhamento dos principais tipos de dívida, comparando as respostas entre os entrevistados dos sexos feminino e masculino. Como se trata de uma pergunta de múltiplas respostas, os percentuais indicam a proporção de cada sexo que citou aquela categoria.

O "Cartão de Crédito" é, de longe, o tipo de dívida mais comum para ambos os grupos, sendo ligeiramente mais prevalente entre as mulheres (41,67%) do que entre os homens (37,08%). A diferença mais expressiva entre os gêneros aparece na categoria "Custo de vida (energia, água, aluguel etc.)", que foi citada por 12,50% das mulheres, mais que o dobro da frequência registrada pelos homens (5,63%). Essa tendência de maior incidência no público feminino se repete no "Financiamento de Bens Duráveis" (8,13% das mulheres vs. 4,17% dos homens) e no "Crédito Pessoal" (5,63% vs. 4,17%).

A única categoria de dívida em que os homens apresentaram um percentual superior foi "Carnês" (7,92% vs. 7,08% das mulheres). Destaca-se também a grande diferença em "Financiamento Estudantil", citado por 2,92% das mulheres e apenas 0,42% dos homens.

Figura 18 – Distribuição dos fatores que levaram ao endividamento atual segundo o sexo dos entrevistados



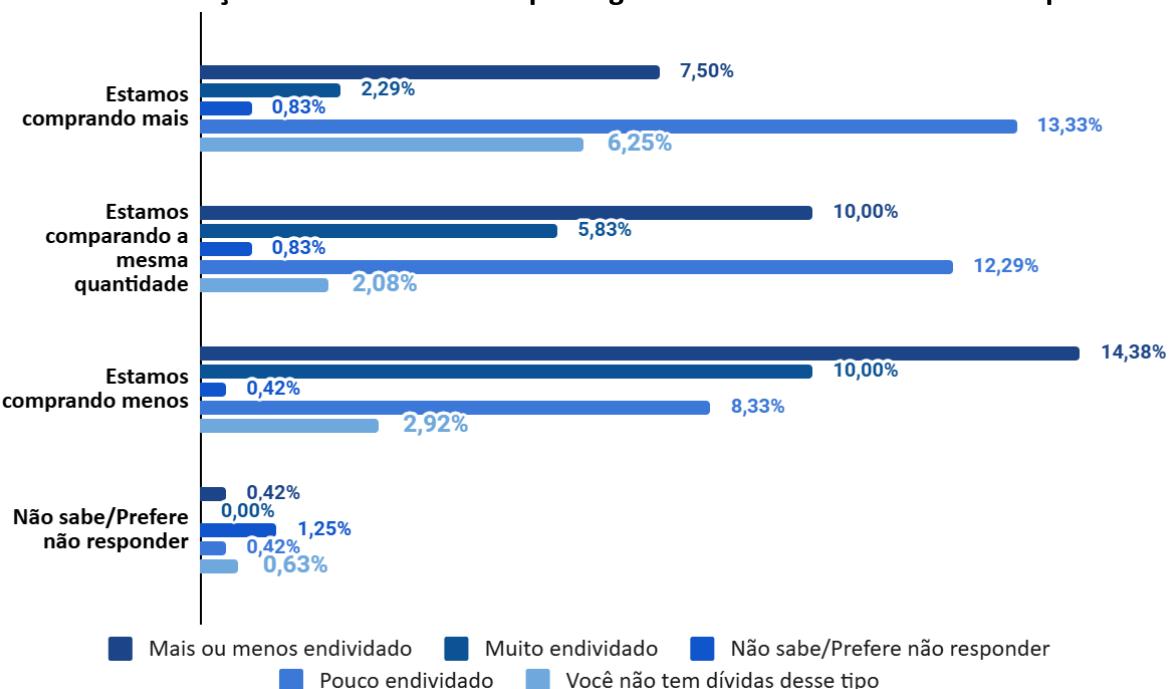
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 18 compara os fatores percebidos que levaram ao endividamento atual, segregados por sexo. Sendo uma pergunta de múltiplas respostas, os percentuais indicam a proporção de homens e mulheres da amostra que citaram cada motivo.

A categoria "Outros" foi a mais mencionada por ambos os grupos, com maior incidência no público feminino (27,50%) do que no masculino (22,50%). As diferenças mais expressivas aparecem em fatores ligados ao orçamento e ao planejamento: "Custo de vida (moradia, água etc.)" foi apontado por 17,92% das mulheres, mais que o dobro da frequência citada pelos homens (7,71%). Da mesma forma, a "Falta de educação financeira" foi citada por 10,83% das mulheres, uma proporção quase três vezes maior que a dos homens (3,96%). O "Uso excessivo de cartão de crédito" também foi mais relatado por mulheres (9,58%) do que por homens (6,67%).

O público masculino, por sua vez, citou com mais frequência fatores ligados ao mercado de trabalho e ao crédito caro, como "Desemprego" (6,04% dos homens vs. 2,71% das mulheres), "Empréstimos com juros altos" (5,83% vs. 3,75%) e "Gastos médicos" (5,00% vs. 2,29%). As categorias "Perda de renda" e "Não sabe" apresentaram proporções semelhantes entre os sexos.

Figura 19 – Distribuição dos hábitos de compra segundo o nível de endividamento percebido



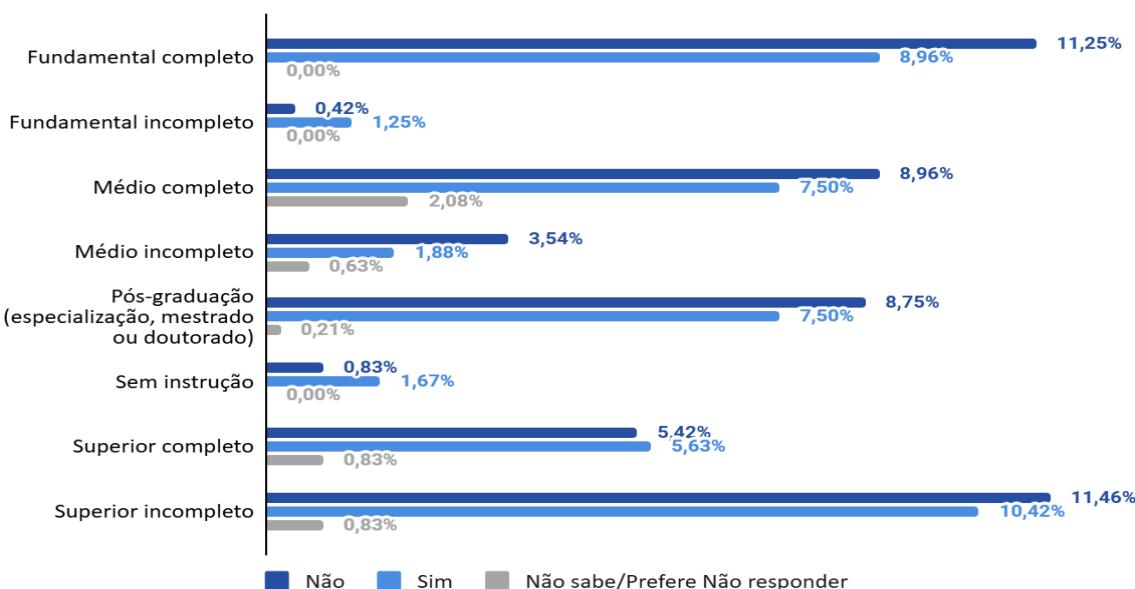
Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 19 cruza os hábitos de compra atuais, comparados ao ano passado, com o nível de endividamento percebido pelos entrevistados. Os dados completos mostram uma correlação clara entre a percepção de dívida e o comportamento de consumo.

O comportamento de retração, "Estamos comprando menos", é maior nos grupos que se sentem mais endividados: "Mais ou menos endividado" (14,38%) e "Muito endividado" (10,00%). Juntos, esses dois grupos representam quase 25% de toda a amostra apenas nesta categoria de retração. Por outro lado, o aumento no consumo, "Estamos comprando mais", é liderado pelos grupos com pouca ou nenhuma percepção de dívida. O grupo "Pouco endividado" (13,33%) é o que mais relata aumento nas compras, seguido por quem "Não sabe/Prefere não responder" sobre sua dívida (7,50%) e por quem "Você não tem dívidas desse tipo" (6,25%). Os mais endividados, "Mais ou menos" e "Muito", quase não aparecem nesta categoria (2,29% e 0,83%, respectivamente).

A manutenção do consumo "Estamos comparando a mesma quantidade" também é mais forte entre os grupos "Pouco endividado" (12,29%) e "Mais ou menos endividado" (10,00%). Os dados reforçam que a percepção de estar "Muito" ou "Mais ou menos" endividado está diretamente ligada à diminuição do consumo, enquanto a sensação de estar "Pouco endividado" ou "Sem dívidas" permite manter ou até expandir as compras.

Figura 20 – Distribuição dos entrevistados com dívidas em atraso segundo o nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 20 apresenta um cruzamento entre o nível de escolaridade dos entrevistados e a existência de dívidas em atraso (inadimplência). Os dados mostram quais grupos proporcionalmente mais possuem contas atrasadas ("Sim") e quais estão adimplentes ("Não").

O maior percentual de inadimplentes ("Sim") encontra-se na faixa de "Superior incompleto", em que 11,46% dos entrevistados deste grupo afirmaram ter dívidas em atraso. Este é o índice mais alto entre todas as categorias. Em seguida, aparecem os grupos "Médio incompleto" (3,54%) e "Superior completo" (5,63%).

Em contrapartida, os níveis mais baixos de inadimplência ("Sim") estão entre os entrevistados com "Fundamental completo" (0,00%) e "Fundamental incompleto" (0,42%).

Analizando a adimplência ("Não"), o grupo com "Fundamental completo" é o que apresenta o maior percentual de pessoas sem dívidas em atraso (8,96%), empatado com "Médio completo" (8,96%) e seguido de perto por "Pós-graduação" (8,75%). Os dados sugerem que, nesta amostra, o nível de inadimplência é notavelmente maior entre aqueles que estão cursando ou que completaram o ensino superior, quando comparados aos que possuem o Ensino fundamental.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre endividamento e inadimplência em Teresina revelou um cenário de alta pressão financeira no que se refere às famílias da capital piauiense. Os resultados demonstram que 84,79% dos entrevistados se encontram em alguma situação de endividamento e que quase metade deles destinam mais de 50% da renda familiar mensal ao pagamento de dívidas. Essa condição caracteriza um quadro de superendividamento, que impacta diretamente o bem-estar financeiro, a estabilidade emocional e a capacidade de consumo da população.

A inadimplência também apresentou níveis expressivos: 49,88% dos endividados afirmaram possuir contas em atraso, sendo que 43,35% têm dívidas há mais de 90 dias, o que demonstra a persistência e cronicidade do problema. Embora a maioria manifeste intenção de pagamento, quase um terço declarou não ter condições de quitar suas obrigações no curto prazo. Soma-se a isso o fato de que mais da metade dos entrevistados possui compromissos financeiros de longo prazo, o que indica dificuldades contínuas de recomposição da renda e de gestão das finanças pessoais.

Entre as principais fontes de endividamento, destaca-se o cartão de crédito, citado por 92,87% dos entrevistados, seguido pelos financiamentos de bens duráveis e pelo crédito pessoal. As causas mais mencionadas estão associadas ao aumento do custo de vida (30,22%) e ao uso excessivo do cartão de crédito (19,16%), revelando que o endividamento muitas vezes decorre de despesas essenciais, e não apenas de consumo supérfluo.

As análises cruzadas apontam que o endividamento é mais intenso entre mulheres, pessoas de renda média-baixa (de um a três salários mínimos) e indivíduos de meia-idade e idosos. Observou-se também que o grupo com Ensino superior incompleto apresentou o maior índice de inadimplência. O público feminino destacou, com maior frequência, fatores como custo de vida e falta de educação financeira, o que reforça a importância de considerar aspectos de gênero e condição socioeconômica nas estratégias de enfrentamento.

Apesar de certo otimismo em relação à renda, com 45,42% dos entrevistados afirmando que sua situação financeira melhorou no último ano, prevalece uma postura de cautela. A maioria percebe o acesso ao crédito mais difícil (45,63%) e considera o momento ruim para compra de bens duráveis (59,79%), o que evidencia a restrição do consumo e o cuidado diante das incertezas econômicas.

Diante desse quadro, recomenda-se o fortalecimento de políticas públicas e programas de educação financeira voltados à prevenção do superendividamento e à promoção do consumo responsável, com foco nas faixas de renda mais vulneráveis. Essas ações, adaptadas à realidade local, podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida e para o equilíbrio financeiro das famílias teresinenses, promovendo uma relação mais sustentável entre renda, crédito e consumo.

REFERÊNCIAS

CNC. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)**. Brasília, DF: CNC, 2025. Disponível em: <https://portaldocomercio.org.br/>. Acesso em: 24 out. 2025.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

GONÇALVES, João de Souza. Desemprego, subutilização, rendimento e informalidade da força de trabalho na região Nordeste: 2012-2018. **Revista de Economia Regional Urbana e do Trabalho**, v. 11, n. 2, p. 141-166, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rerut/article/download/30118/16543/105578>. Acesso em: 24 out. 2025.